



## INVESTIGANDO A HISTÓRIA DA GEOGRAFIA ESCOLAR: O MANUAL ESCOLAR DE MIGUEL MILANO PARA O CURSO SECUNDÁRIO (1932)

Rafa Lutterbach Veiga Gonçalves <sup>1</sup>  
rlveiga.96@gmail.com

Diego Carlos Pereira <sup>2</sup>  
diegocarlos@id.uff.br

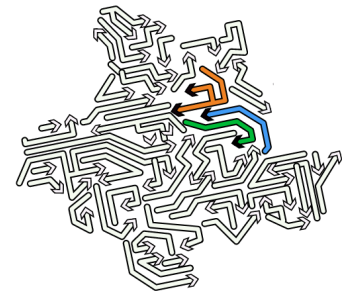
### Resumo

*Este artigo é um projeto de Iniciação Científica em desenvolvimento desde 2021 que se expressa como desdobramento da pesquisa de doutorado intitulada “Movimento Escola Nova e Geografia Moderna Escolar em manuais para o ensino secundário brasileiro (1905-1941)”, finalizada em 2019, sendo, portanto, uma continuidade e um implemento da linha de pesquisa em História da Geografia Escolar e das pesquisas referentes aos manuais escolares e cultura escolar materializada no âmbito da [omitido para avaliação]. Esse trabalho consiste em analisar as continuidades e descontinuidade com relação ao movimento renovador escola nova através de uma investigação do manual produzido por Milano para o ensino da Geografia em seu manual escolar “Geographia Geral: Curso Secundário 1 ed. (1932)”, publicado pela Editora TFP/Siqueira, em São Paulo. Se fez necessário, portanto, partir para uma investigação histórica e analítica sobre a obra didática referida através do seu contexto pedagógico do Movimento Escola Nova e da História da Geografia Escolar, além de investigar a origem do professor e compreendendo as influências que inspiraram sua obra. Estas análises se dão a partir de um teor historiográfico, se aprofundando em dados secundários, de abordagem interpretativa qualitativa, por meio de pesquisas documentais sendo necessário explorar, dentro do contexto geográfico educacional, as questões voltadas ao ensino proposta pelo manual de Milano e pelo movimento escola novista, para compreender os caminhos utilizados pelo autor e os seus fundamentos históricos, seus simbolismos e sua influência cultural que interferiram e influenciaram suas metodologias no ensino de Geografia da época.*

---

<sup>1</sup> Graduado em Licenciatura em Geografia e Graduando em Bacharelado em Geografia na Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista de Iniciação Científica do CNPq. Membro do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão Artesanias Geográficas e Educacionais(AGE/UFF).

<sup>2</sup> Professor Adjunto do Departamento de Sociedade, Educação e Conhecimento da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Vice-líder do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão Artesanias Geográficas e Educacionais(AGE/UFF).



**Palavras-chave:** Escolanovista, Herança, Educação.

## **Introdução**

O presente artigo é parte de pesquisa de iniciação científica que ainda está em andamento, vinculada à bolsa do CNPq e que se articula às atividades do [omitido para avaliação]. O estudo se dá em decorrência de uma investigação de doutorado desenvolvida no âmbito da História da Geografia Escolar e das pesquisas com manuais escolares e cultura escolar materializada, e se associa à linha de pesquisa que está sendo implementada no âmbito da Faculdade de Educação da [omitido para avaliação] e da constituição de uma rede colaborativa nacional e internacional de pesquisa em História da Geografia Escolar. O estudo se justifica não só pelo resgate e reflexão histórica, simbólica e discursiva da cultura escolar materializada no tempo, como também ao compreender os modos de organização da escola, do seu cotidiano, dos livros escolares e dos currículos.

Tal temática tem como objetivo se inclinar à análise historiográfica documental qualitativa do manual escolar “Geographia Geral: Curso Secundário” de Miguel Milano, publicado em 1932 pela Editora TFP/Siqueira, em São Paulo, onde, optamos por estabelecer procedimentos metodológicos que são apontados por Bacellar (2008) consistindo em: contextualizar o documento; estabelecer e discutir seus critérios; avaliar suas possibilidades e particularidades; identificar indivíduos; e por fim, estabelecer o olhar de historiador. Sendo assim, analisamos o contexto histórico e pedagógico do Movimento Escola Nova e da História da Geografia Escolar presentes no manual, através de uma Pesquisa Documental, de abordagem interpretativa qualitativa, para assim se desenvolver etapas de pesquisa historiográfica, priorizando a compreensão histórica, simbólica, cultural e curricular da obra didática analisada, tendo em vista que tal manual foi publicado durante a era varguista, se fazendo necessário assim, tal contextualização através de referências históricas e teóricas deste período.

## **A modernidade; A era Vargas; O nacionalismo**

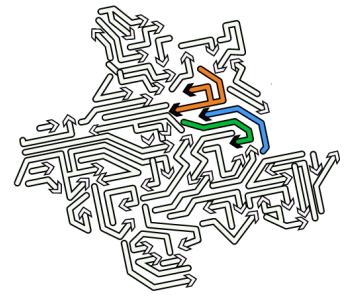
Para se falar da era Vargas, é preciso compreender a importância da geografização do território através dele e da ideia de modernidade neste processo, mesmo que ela nunca tenha sido plenamente concluída, tendo em vista que sempre há resistências de valores que vão contra a estes processos, sendo assim, a modernidade ela é vista no campo dos valores e a



modernização no campo da geografia da modernidade, onde a modernização se expressa nas mudanças da dinâmica socioespacial e temporal, através de um modo de produção que tem como características principais processos dominantes capitalistas, que continuam influenciando e moldando a geografia de diversos modos ao longo dos anos, sendo antropocêntrica e tendo valor hegemônica. Para (Pereira, 2014, p. 36) “Getúlio Vargas, em seu projeto de poder, buscou alinhar a orientação conservadora da Igreja atrelada à ação modernizadora da Escola Nova como política educacional”, tendo em vista que a modernização é sustentada na crença do progresso e do desenvolvimento, essa crença pode ser comparada às crenças teológicas, já que é através dos avanços tecnológicos e intelectuais que rege a modernização, a fim de atingir o bem-estar pleno.

O ideário de modernidade brasileira é acompanhado de uma distopia, onde mesmo que se modernize a população pobre, principalmente as periféricas e marginalizadas, elas permanecerão nas condições precárias, não havendo a possibilidade de uma real ascensão social, sendo esta uma expressão violenta da modernização capitalista em que vivemos. Há muito nas políticas territoriais varguistas, que idealizava uma necessidade de industrializar o país para se modernizar, onde se compreende a modernidade como um agente “civilizador”, através de expansão da urbanização demográfica iniciada nos anos 1930, e que afirmou para a população brasileira que se deve modernizar as regiões norte e nordeste do país, havendo assim uma crença na desvalorização dos conhecimentos e práticas dos povos tradicionais, se fazendo valer, de forma errônea, apenas o que se é concebível como moderno.

No início do século XX, o Brasil ainda se via na luta por uma afirmação de estado territorial e identidade, tendo em vista que nessa época havia revoltas provinciais, conflitos territoriais com países vizinhos e a França, e foi quando também se teve a invenção do estado-nação, que fomentava a industrialização e a economia nacional, através de um ideário de pertencimento, que desenvolveu uma série de rótulos que distinguia o que seria moderno e o que seria o atrasado. Em 1838, a partir da construção de uma geografia territorial do Brasil, se destaca o papel do IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), que expandiam as pesquisas e explorações do território nacional, a fim de registrar uma geografia física e cartográfica para afirmação do estado. Esse discurso territorial de legitimação da nação e do



estado brasileiro se via muito forte na geografia a fim de trazer o sentimento de pertencimento e identidade do país, já que historicamente as pessoas que aqui viviam não compartilhavam deste ideário nacional, na verdade a própria nação não atribuía essa sensação para a maioria da população, já que mesmo depois de ser abolida a escravidão oficialmente no Brasil, que ocorreu de forma tardia, não houve nenhuma ação para inclusão dos “ex-escravizados” na sociedade. Essa marginalização da comunidade negra continuou e foi reforçada durante o estado novo de Vargas, que era adepto a ideários nazistas e promoveu políticas de discriminação contra aqueles que não tinham ascendência europeia, sendo assim:

Delgado de Carvalho, mesmo que ressalte as qualidades dos “tipos de mestiços”, ainda advoga pela superioridade e preponderância do “tipo branco” no processo de mestiçagem. Nesse contexto, o autor não somente se posiciona a favor do incentivo da migração de europeus brancos para o país, como conforma um discurso geográfico que visa e prevê o branqueamento da nação. (CIRQUEIRA; SOUZA, 2021, p. 336)

A Era Vargas, iniciada em 1930, trouxe através das políticas aplicadas durante seu governo, como a criação do Ministério da Educação e a Saúde Pública, grandes mudanças sociais e territoriais para o Brasil, ditando muitas políticas econômicas e territoriais que seriam seguidas por governos posteriores até o final da ditadura civil-burguesa-militar em 1990 e que têm efeitos na dinâmica territorial do Brasil até os dias atuais, outro fator que contribuiu para a criação do ideário nacional foi a criação do IBGE e a posterior regionalização do país em regiões geográficas, surgido da necessidade de unificar os dados censitários nacionais num único órgão federal, para fins de políticas territoriais. Porém, as regiões geográficas do IBGE acabaram adquirindo um “status de agente coletivo” dos interesses dos blocos de poder agrários e industriais, fazendo com que os conflitos entre capital e trabalho passassem a ser tomados como luta entre lugares e regiões. Como a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), regulamentando e garantindo maiores direitos trabalhistas no Brasil, como a instituição do salário-mínimo, que era regionalizado de acordo com as “supostas” condições de reprodução social dos trabalhadores nas diversas regiões e governos estaduais do país, e eram destinados apenas ao trabalhador urbano; A disparidade do



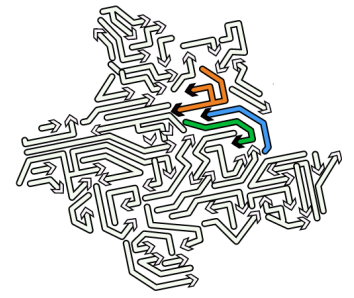
salário-mínimo, assim como sua validade apenas para trabalhadores urbanos, por exemplo, fez com que houvesse um aumento significativo do fluxo migratório para as cidades do

Sudeste, que tinham um salário-mínimo maior, assim como uma grande evasão no campo, causando assim uma superlotação nas cidades, que sem políticas adequadas, viram o crescimento exponencial da favelização. Agregava-se a isso, o fato de o salário-mínimo não ter resolvido o problema da concentração de renda familiar no país, assim a garantia de direitos trabalhistas não era acompanhada por uma renda salarial que garantisse cidadania ao trabalhador, fazendo com que esse tivesse um precário acesso à habitação, ensino, saúde e transporte público.

### **A Escola Nova e os novos rumos educacionais**

Concordamos com Pereira; Pezzato (2021, p. 259) ao afirmarem que “(...) Podemos caracterizar o Movimento Escola Nova como um movimento intelectual filosófico, que adquiriu maior ou menor importância política a depender do período e do país em que tais conjunto de concepções repercutiram e influenciaram propostas educacionais diversas”, sendo assim, ao discorrer sobre o movimento escola nova e a sua aparição no Brasil, podemos afirmar que esta se inicia em conjunto com a revolução industrial brasileira, que foi ocorrida de forma tardia no Brasil, fazendo com que houvesse a necessidade de uma implementação na melhoria na educação do país, para aprimorar as mãos de obra, as tornando capacitadas e aptas para interagir neste novo período industrializador. Sendo uma das principais pautas nacionais da educação, a Escola Nova propunha mudanças educacionais e tinham como influência os ideais presentes nos Estados Unidos e na Europa, contudo, cada país possuía sua singularidade e características ao adotar tal movimento, segundo Cirqueira e Souza (2021) esta expansão do sistema educacional de ensino e das escolas formais eram resultantes de um método de caráter improvisado e frágil.

Conforme apontam Issler (1973) e Rocha (1996), é importante ressaltar que, no Brasil, a partir dos anos de 1920, várias reformas curriculares em níveis estaduais assumiram oficialmente alguns pressupostos da Geografia Moderna e do Movimento Escola Nova. Além disso, ampliou-se nessa



década a divulgação dessas renovações por meio de revistas pedagógicas diversas, congressos e grupos de professores, conforme apontam Romanelli (2010) e Valdemarin (2010). (PEREIRA; PEZZATO, 2021, p. 270)

Saviani (2008) aponta que estes ideários na educação perpassam desde antes da Revolução de 1930, onde se teve o fim da República Velha e se iniciou a Era Vargas. Sendo assim, em 1924 houve se influências nas mudanças educacionais brasileira através da fundação da ABE (Associação Brasileira de Educação) que em conjunto com as demais reformas educacionais, gerou um impulsionamento para o pensar educação, tanto de forma estratégica política e econômica, quanto de forma social. O movimento escolanovista, por sua vez, tinha como objetivo abranger tais questões sociais, como as psicológicas e sociológicas através de um cunho educacional voltado para as escolas. Já com relação às questões políticas e governamentais a Educação Nova, vinha com a promessa de atender as emergências econômicas encontradas graças à tardia revolução industrial do país, sendo assim, se expressava para atender as necessidades desenvolvimentistas do Brasil para movimentar a economia e tentar recuperar tal atraso com relação aos demais países.

Ainda assim, é apontado por Saviani (2008) que a Escola Nova, tem como objetivo trazer a interação do aluno como um indivíduo ativo no aprendizado e que se reconheça como um agente social, se baseando assim na sua própria percepção social em que vive, percebendo a estrutura social em que vive, sendo assim, o docente pode trazer de forma mais palpável aos alunos as questões e reflexões em sala de aula. A Escola Nova busca expandir a educação de forma igualitária, vinculando assim a escola e o meio social, fugindo das amarras tradicionais de ensino, possuindo como objetivo tratar o aluno como um agente do aprendizado e não apenas um agente receptor de informações, buscando trazer dinâmicas na abordagem educacional que incentive o aluno a práticas e exercícios de observação, interpretação e até mesmo investigação.

### **A Geografia Escolar e Geografia Moderna**

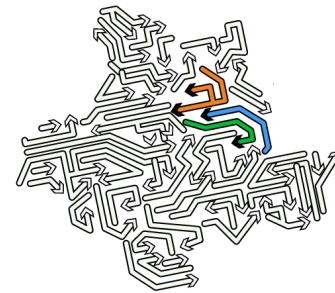
Para Rocha (2009, p. 78) “A geografia adquire, pois o caráter de ciência graças ao abandono da mera descrição, substituída que foi pela tentativa de estabelecer a relação entre causa e efeito através da explicação. Iniciava-se a fase da descrição explicativa da Terra e dos



fenômenos nela manifestos (sejam os sociais, sejam os naturais).” Portanto, podemos afirmar que nem sempre a Geografia foi vista como uma ciência ou um estudo de investigação, os primeiros sinais da Geografia nos currículos escolares se deram no Rio de Janeiro, através do Colégio Pedro II no século XIX e possuía um caráter bastante enciclopédico, paisagístico e

descritivo, isso porque a geografia no país enquanto ciência ainda não estava consolidada, sendo assim, a maioria das pessoas que lecionavam a geografia nas escolas eram formados em outras áreas não havendo ainda professores de Geografia formados. Outra questão a ser salientada é que a Geografia como ensino nas escolas se dava de forma muito elitista, tendo em vista que apenas colégios renomados possuíam a disciplina, contudo, a partir de 1930 a Geografia no Brasil alavanca em seus estudos e acaba possuindo caráter mais científico. Podemos apontar como um dos pioneiros para a Geografia Científica o Delgado de Carvalho, como observado por Pereira (2014, p. 41) “(...) Romanelli (1984) aponta Delgado de Carvalho como um dos poucos intelectuais responsáveis pela inserção do movimento Escola Nova no Brasil e o representante da Geografia na discussão e elaboração do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932.”

O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932 tinha como o interesse e defendia a escola pública e de qualidade para todos os cidadãos, sendo estas escolas acessíveis, plurais e laicas, além de defenderem um currículo universal para o país. Apesar de o Manifesto dos Pioneiros não ter sido a solução imediata para estes requerimentos necessários para a sociedade, o principal desafio destes era a garantia do direito a laicidade nas escolas, tendo em vista que ao mesmo tempo em que Vargas almejava a melhoria educacional para o aceleramento industrial tardio do Brasil, ele ainda usava da sua aliança com os cristãos que era uma estratégia para o seu plano de governo, havendo assim um impasse na questão da educação laica no país, gerando um atrito entre os liberais que defendiam uma educação laica e os que defendiam o ensino religioso, que após demasiados impasses, acabam abandonando a ABE (Associação Brasileira de Educação, criada em 1924) e acabam fundando em 1933 a Confederação Católica Brasileira de Educação, que deixava garantido o ensino religioso pela constituição.



## **Uma breve história de Miguel Milano**

Segundo Serra (2017), Miguel Milano nasceu em São Paulo no dia 27 de julho de 1885, concluiu o seu curso Primário em 1900 pelo Grupo Escolar do Sul da Sé, contudo, acabou se afastando das escolas logo após a terceira série do Ginásio do Estado, com o intuito de participar de uma companhia teatral que estava viajando em direção ao interior de São Paulo, e só retorna a escola no ano de 1904 na Escola Normal Secundária da Praça da República, onde ele acaba se formando em 1907. Logo após Miguel Milano se adentra na docência, tornando-se um docente propedeuta, atuando em todos os níveis de ensino público primário. Como docente com formação em matemática, o Professor ministrou aulas em diversos colégios, como na Escola Normal do Brás, Liceu do Sagrado Coração de Jesus, Grupo Escolar Triunfo e Grupo Escolar João Kopke. Milano, além de docente e matemático, foi um ator, cineasta, historiador, jornalista, escritor, professor primário onde lecionava todas as matérias, diretor e inspetor-geral escolar; deixou diversas obras didáticas publicadas em várias áreas do conhecimento e do ensino, sendo bastante influente e referência na área educacional, principalmente em sua época.

## **O Manual de Milano**

O Manual intitulado de “GEOGRAFIA GERAL Astronómica, Matematica, Física, Política e Económica (De acôrdo com os programas oficiais do ensino) Curso Secundario”, tem como objetivo, segundo o autor, de se distinguir das muitas obras já publicadas no mercado da época sobre a Geografia Escolar, onde Milano expressa a sua insatisfação com os tais materiais que segundo o próprio, por muitos se distanciam dos programas oficiais, não acompanhando a evolução da ciência e repassando dados já não mais utilizados. Estes déficits nestas obras de ensino, principalmente as que se interligam com as ciências matemáticas, físico-químicas, naturais, sociais e econômicas, estimularam o autor a repensar e criar este manual, visando preencher as lacunas, que segundo ele são falhas e desperdiçam o tempo e energia tanto dos professores quanto dos alunos, promovendo então, um manual para o curso secundário que para Milano, apresenta uma forma mais analítica e de ponto de vista mais pedagógico e didático.

Apesar de tantas propostas Miguel Milano, já no Prolegômenos de seu manual, começa a abordar o conceito de Geografia a partir de definições, divisões e as suas utilidades,



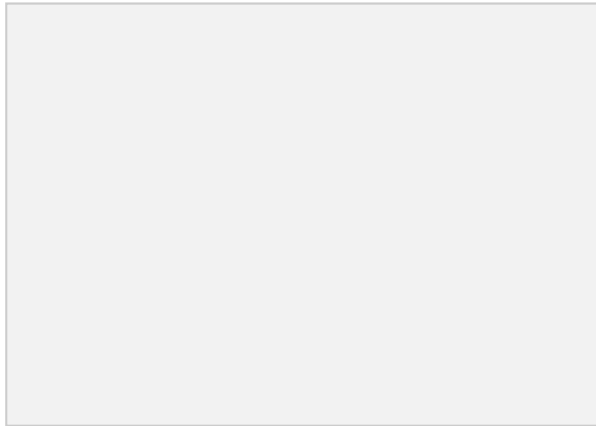
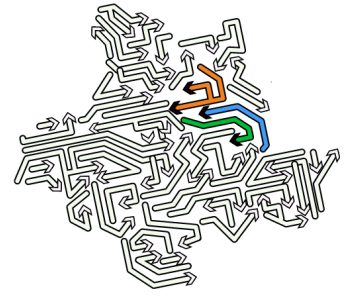
onde o autor divide a Geografia em seus principais estudos, como: Geografia Astronômica, Geografia Matemática, Geografia Física, Geografia Política, Geografia Histórica e Geografia Econômica. Conforme as separa ele define os tipos de estudos e sua importância na sociedade, contudo de forma muito mais memorativa. O autor, nas páginas seguintes, segue discorrendo e destrinchar diversos tipos de estudo de Geografia e seus fundamentos de forma muito básica e decorativa, em uma forma de introduzir o aluno no leque de possibilidades que

a Geografia oferece, até chegar à utilidade da Geografia, em que ele se debruça a explicar a Geografia Moderna, pontuando que esta disciplina necessita de um espírito de pesquisador.

Utilidade da Geografia. - A Geografia, modernamente, passou de disciplina cujo estudo dependia de um simples exercício de memória para o lugar de ciência que requer espírito pesquisador, exercício de crítica e muita reflexão. Relacionando-se com as ciências matemáticas, físico-químicas, naturais, sociais e econômicas, ela alargou o campo da atividade intelectual e aumentou o seu valor educativo. (MILANO, 1932, p. 06)

Apesar de tal afirmativa, o presente manual citado, não consegue oferecer para os alunos nem para o professor, materiais didáticos que incentivam a tal espírito de investigador, dos materiais apresentados o próprio docente teria que elaborar uma dinâmica intuitiva com o que o manual de Milano oferece, tendo em vista que o mesmo não aborda questões de trabalhos práticos e se detém sob uma abordagem teórica que não incentiva a prática no ensino. Uma das passagens no manual que poderia ser utilizada de forma prática, mas que não é abordada no livro com tal finalidade, é o experimento em que o aluno usa o seu corpo para se localizar através do sol para poder se localizar pelo seu conhecimento da rosa dos ventos, como pode ser observado na figura 1.

**Figura 1:** Orientação e pontos cardeais.



Fonte: MILANO (1932, p. 22 e 23)

No capítulo “Regiões Sul Americanas”, o manual passa a abordar tais regiões as dividindo em Estados, sendo estes: Estados Setentrionais, Estados do Pacífico, Estados do Prata e por fim Estado do Atlântico ou Estado Oriental; este último, segundo Milano (1932, p. 252) “O unico Estado que se estende ao longo do Atlantico, abrangendo toda a parte oriental da America do Sul, é o Brasil.”. É neste tópico que podemos compreender o nacionalismo de Miguel Milano, tendo em vista que nos tópicos anteriores e nos posteriores a este, o autor não utiliza tantas páginas para descrever um único país, além disto, Milano (1932, p. 259) exalta fortemente a esplêndida flora brasileira “As matas do litoral assemelham-se às florestas das planícies, excedendo-as, porém, em beleza e variedade. O Sólo é mais acidentado e multiplica as belas paisagens que o revestem.”, sua riqueza territorial e sua “poderosa rêde de rios navegáveis”, como apontado no manual ao subtópico navegação. Apesar de possuir uma característica demasiada descritiva ao apontar cada nome de rios, estados sem um devido aprofundamento ou reflexão, Milano ainda se demonstra mais detalhista que os demais capítulos sobre as regiões do globo, com podemos observar nas demais citações, há certa preocupação em exaltar mais o território nacional, principalmente a sua natureza.

Vegetação. — Graças á variedade e ás diferenças climatéricas, a vegetação do Brasil é verdadeiramente exuberante, podendo ser distribuída por três zonas:

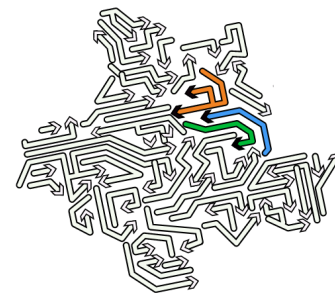
a) equatorial, de clima quente e úmido, abrangendo todo o Brasil amazônico, com fracas ondulações. É toda ela coberta de vegetação luxuriante e densa (...) (MILANO, 1932, p. 259)

Tal expressão nacionalista através da enaltação da natureza se dá pelo fato de que Miguel Milano, não concordava com o governo de Vargas, como apontado por Silva et al. (2018, p. 05) “(...) afirmamos a posição do autor ser contrária ao governo de Vargas, pois ele apresenta em seus manuais didáticos, nossas fontes de pesquisa, e em outras de suas obras, ora um silenciamento das práticas do governo em exercício no período, ora um discurso crítico em relação a Vargas.”, no presente manual estudado há um silenciamento ao governo de Vargas, tendo em vista que o autor se apropria da astronomia e da geografia física para afirmar a Geografia como ciência, outra questão que pode justificar seu silenciamento ao desgosto pelo governo da época seria também a disciplina em que o manual estava voltado, já que os manuais estudados por Silva são manuais voltados para a História e os da Geografia

possuem este aspecto mais físico e descritivo, outra questão é que o manual estudado para este artigo é de 1932, já os estudados por Silva são as obras de (1938, 1939, 1943, 1945, 1948), e como abordado em seu artigo Silva et al. (2018) afirma que os manuais de Milano foram muito bem recebidos pelos professores na época, sendo ele uma referência em diversas disciplinas de ensino escolar.

### **Considerações finais**

Para Hooks (2013, p. 57) “Os alunos estão muito mais dispostos que os professores a abrir mão de sua dependência em relação à educação bancária. Também estão muito mais dispostos a enfrentar o desafio do multiculturalismo”, sendo assim, embora o manual seja voltado para o público docente do curso secundário, não é possível averiguar indícios de uma metodologia renovadora para ser utilizada no ensino de Geografia. Obstante a isso, Manual de Milano, se apresenta de forma renovadora no ensino da Geografia, onde o autor se viu necessitado de construir o manual de curso secundário por não haver manuais que segundo ele não eram adequados e faltavam com um conteúdo atualizado, porém, ao analisar de forma detalhada o manual, conclui-se que a obra de Milano não conseguiu sair dos moldes conteudistas já herdados pela tradição livresca, haja visto que há uma série de descrições



muito bem elaboradas sobre o conteúdo e imagens que ilustram bem o que se é ensinado, contudo a obra não cumpre de forma coerente o que promete enquanto “renovador”.

Outra questão a ser percebida é a necessidade do uso de experiências e ciências exatas para afirmar a geografia como uma ciência, o que pode ser demonstrado na influência de Milano em outras áreas escolares e outras formações, o que comprova interferências na produção do seu livro e sua nítida dificuldade, de se adaptar aos ideais escolanovistas e a manutenção de um método já desgastado de ensino. O manual de Miguel Milano para o Curso Secundário, portanto, se torna mais um dos demais manuais que o mesmo critica, sendo por muitas vezes conteudista, induzindo o aluno a decorar a matéria através de um estudo mnemônico, não havendo assim um aprendizado, sendo assim, o seu foco nas questões físicas da geografia o carece e muito a respeito das questões sociais e políticas que poderiam ser exploradas na época.

### Referências bibliográficas

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: \_\_\_\_\_. PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 23-79.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal; SOUZA, Lorena Francisco de. NAÇÃO, MEIO E RAÇA NO ENSINO DA GEOGRAFIA: Apontamentos a partir de Delgado de Carvalho (1910-1930). In: ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de; DIAS, Angélica Mara de Lima; CARVALHO, Luiz Eugênio Pereira. **História da geografia escolar: fontes, professores, práticas e instituições - volume 1**. 1. ed. Curitiba - Brasil: Editora CRV, 2021, p. 323-344.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017. 283p.

MILANO, Miguel. **Geografia geral astronômica, matemática, física, política e econômica (de acordo com os programas oficiais do ensino) curso secundário (para os ginásios, cursos seriados e propedêuticos, escolas normais, licêus e escolas complementares)**. 1ª Edição, São Paulo: TYP. SIQUEIRA - Rua Libero Badaró N. 14-C, 1932.

PEREIRA, Diego Carlos. **Manuais escolares e a construção do conhecimento geográfico escolar: um resgate historiográfico em Uberaba/mg**. 2014. 137 p. Monografia (Graduação em Licenciatura em Geografia) - Universidade Federal Do Triângulo Mineiro, Uberaba, Minas Gerais, 2014.

PEREIRA, Diego Carlos; PEZZATO, João Pedro. MOVIMENTO ESCOLA NOVA E GEOGRAFIA ESCOLAR MODERNA: Entre a vanguarda e manutenção de costumes. In: ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de; DIAS, Angélica Mara de Lima; CARVALHO,



Luiz Eugênio Pereira. **História da geografia escolar: fontes, professores, práticas e instituições** - volume 1. 1. ed. Curitiba - Brasil: Editora CRV, 2021, p. 257-284.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2 ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2008. (Coleção Memória da Educação)

SERRA, A. E. História de vida, formação e profissão: a constituição da identidade docente de esmeralda Milano Maroni no século xx. In.: IX Congresso Brasileiro De História Da Educação: **Anais Eletrônicos...** João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2017.

SILVA, Carlos Alberto Franco da, **A modernização distópica do território brasileiro** / Carlos Alberto Franco da Silva. - Rio de Janeiro : Consequência, 2019.

SILVA, L. S. da; et al.. A formação de professores e o ensino de história nas obras de Miguel Milano (1938-1948). **Anais V CONEDU...** Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/45790>>.